

# ALTO DOURO VINHATEIRO E ILHA DO PICO, DUAS ZONAS VINÍCOLAS. NOVAS PERSPETIVAS TURÍSTICAS

LÍDIA AGUIAR\*

**Resumo:** Nesta comunicação apresenta-se uma comparação multifocal das duas áreas vinhateiras portuguesas classificadas pela UNESCO como Património Mundial: o Alto Douro Vinhateiro (paisagem cultural, evolutiva e viva desde 2001) e a Ilha do Pico (paisagem cultural desde 2004). Torna-se necessário analisar cada uma destas zonas, como se desenvolveram e como mantêm vivo o seu património de potencial turístico. O Alto Douro Vinhateiro é detentor de uma paisagem magnífica que a disposição da vinha em socalcos lhe confere, sendo ainda o fiel depositário de belíssimas quintas e aldeias vinhateiras, estas últimas detentoras de um património vernacular de extraordinário valor. Estende-se por uma área de 24.600 hectares e o seu solo é basicamente xistoso. A Ilha do Pico, a segunda maior ilha do arquipélago dos Açores, possui um solo basáltico, misturando-se com fragmentos vulcânicos. Foi a vontade do homem que o trabalhou, de forma a proteger a vinha dos ventos e da água do mar, criando «currais», e consequentemente os rola-pipas para transporte do vinho até aos portinhos. Estende-se por uma área de 987 hectares, tendo como referência particular dois sítios emblemáticos, o Lajido da Criação Velha e o Lajido de Santa Luzia. Estes apresentam uma arquitetura muito própria ligada à cultura da vinha, uma paisagem de rara singularidade e são ainda enriquecidos por uma variedade faunística de valor incalculável. Sabendo-se que atualmente os destinos turísticos devem estar atentos às mais recentes demandas turísticas, procura-se neste trabalho evidenciar particularmente o património vernacular e

---

\* Doutorada em Turismo. CITCEM – Memória, Património e Construção de Identidades, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica/Campo Alegre/Porto. IS CET – Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo, Rua de Cedofeita, 285 4050 180, Porto.

imaterial, suscetível de potenciar turisticamente as duas zonas vinícolas, desenvolvendo produtos mais apetecíveis e adaptados ao «novo turista»: aquele que procura a experiência, que gosta de se mover autonomamente e em contacto permanente com a natureza e a ruralidade.

**Palavras-chave:** Alto Douro Vinhateiro; Ilha do Pico; Património Mundial; Turismo Cultural; Turismo de Natureza e Rural.

**Abstract:** In this article, we present a multifocal comparison of the wine-growing areas of Alto Douro Vinhateiro (since 2001) and Ilha do Pico, Azores (since 2014), both World Heritage Sites, at Portugal. For that it is necessary to analyze each of these areas, how they have developed and how they keep their assets alive. The Alto Douro Vinhateiro is the owner of a magnificent landscape that the vineyard's terraces provides and it is also the faithful custodian of magnificent vineyards and wine-producing villages, the latter possessing a vernacular heritage of extraordinary value. It extends over an area of 24,600 hectares and its soil is mostly schist. The island of Pico, the second largest island of the Azores archipelago has a basaltic soil, mixed with volcanic fragments. It was the will of the man who worked it, so as to protect the vine from the winds and sea water. It extends over an area of 987 hectares, has as its particular reference two emblematic sites, Lajido da Creação Velha and Lajido de Santa Luzia. These have a very unique architecture linked to the vineyard culture, a landscape of rare singularity and are still enriched by a wealth of faunistic value. Knowing that today the tourist destinations must be attentive to the most recent tourist demands, we seek in this work, to particularly enhance the vernacular and immaterial heritage, promoting turistically these two wine areas. Developing tourist products more adapted to the «new tourist»: that who seeks the experience, that likes to move autonomously and in permanent contact with nature and rurality.

**Keywords:** Alto Douro Vinhateiro; Pico Island; World Heritage; Patrimony; Cultural tourism; Nature and Rural Tourism.

## INTRODUÇÃO

A presente comunicação aborda duas áreas vinhateiras portuguesas, Património da Humanidade, onde se pretende verificar o seu respetivo potencial turístico e de que forma poderemos contribuir para alargar os fluxos turísticos em cada uma das regiões. Em simultâneo, averigua-se a sua comparabilidade e diferenciação. Estes fatores tornam-se importantes para a escolha do produto turístico a oferecer, dado que o turista atualmente é cada vez mais exigente, particularmente quando escolhe áreas rurais. Segundo estudos efetuados ele procura fugir ao *stress* diário, mas necessita de se manter ocupado e de instruir-se, ou seja, estamos nesta era, perante turistas cada vez mais exigentes. É nesse sentido que procuramos produtos turísticos eficazes, sempre sustentados em conteúdos científicos, que traduzam a autenticidade dos sítios, satisfazendo vários segmentos de turistas, atingindo uma excelente imagem do destino.

## TURISMO E AUTENTICIDADE

As áreas rurais têm vindo a sofrer grandes alterações nas últimas décadas. A agricultura deixou de ser a sua função principal, assistindo-se agora a uma renovação destas zonas pelos seus fatores naturais e culturais e com grande incidência nas suas populações, únicas guardiãs de saberes ancestrais do mundo rural. O turismo e a cultura devem associar-se para viabilizar um vasto leque de produtos culturais, tendo sempre como produto estratégico aquele que é endógeno. Num mundo cada vez mais globalizado, o turista cultural encontra-se bem informado, pelo que procura algo que se diferencie e essa diversidade é marcada pelo que é genuíno nos costumes, usos e tradições. Por norma o turista procura um destino rural, para uma fuga à sua vida stressante da cidade, pelo que a natureza e a beleza paisagística também lhe é importante, mas a experiência e o contacto com novas realidades é atualmente o bem turístico mais procurado.

Neste contexto, o contacto com a natureza e a especificidade de cada vila ou aldeia, a sua arquitetura vernacular, as experiências e contactos com a comunidade podem fazer a diferença para a imagem que um qualquer turista guarda do local visitado<sup>1</sup>.

### O turismo no Alto Douro Vinhateiro

Um excelente desenvolvimento turístico depende das entidades públicas, dos privados e dos Centros de Investigação, onde se procura fundamentar cientificamente o conhecimento, pelo que se iniciou o estudo verificando os objetivos do Plano de Estratégia de Marketing Turístico do Porto e Norte de Portugal – Horizonte 2015 – 2020, para o Douro. Verificou-se que este aponta como elementos centrais os cruzeiros e passeios no Douro, as caves e as Quintas no Douro, que permitem a experiência enoturísticas. Estes produtos servem um segmento de mercado como um nível socio-económico elevado.

Como produtos complementares, este plano aponta o *touring* cultural e paisagístico e o turismo de natureza, entre outros.

Concentraremos a comunicação no *Touring* Cultural e Paisagístico. A tipologia de itinerários pode ser diversa, devendo assentar na fiabilidade histórica, possibilitando ao turista desfrutar das paisagens vinhateiras, compreende-las, nos diferentes períodos históricos, incluindo a cultura da vinha, da oliveira e da amendoeira. Os itinerários culturais são imprescindíveis à compreensão da importância das quintas, bem como das aldeias mais genuínas, vivenciando-as na procura da sua identidade histórico-cultural<sup>2</sup>. Referindo o Doutor Luís Mota Figueira, um itinerário ou rota deve incorporar um «agregado de recursos ou eventos que, no seu conjunto, formem uma solução que permita a experiência vivida ou a viver, pelo turista consumidor e que se pretende que seja única, credível, surpreendente, inesquecível e, por isso, de grande valor para quem a vive e está disposto a pagar»<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> DIAS, 2009.

<sup>2</sup> FERREIRA *et al.*, 2012.

<sup>3</sup> FIGUEIRA, 2013.

Toda a paisagem do ADV é fruto de uma obra multiseccular trabalhada pela mão do Homem<sup>4</sup>. Não é difícil compreender a facilidade de cruzar o itinerário natural com o cultural, já que os primeiros vestígios de vinha aqui plantada remontam ao tempo da romanização. Na Idade Média o Vinho do Porto, teve novo incremento através das Ordens Monásticas, em particular da Ordem de Cister.

A evolução constante da sua paisagem confere a beleza. Propomos várias tipologias de itinerários, a pé, a cavalo, de bicicleta ou de carro. Um dos guias mais apreciados pelos novos turistas são os *self guide tour*, onde através de uma aplicação descarregada no seu *smartphone*, poderão seguir o seu caminho, plenos de informação sem nunca se perderem.

Num itinerário de natureza a nossa proposta é a redescoberta das diversas tipologias de armação do terreno (antigos geios, socialcos, patamares, vinha ao alto, etc.). Cada turista tem o seu modo de interpretar a paisagem. Tudo depende dos sentidos, desde o olfato, o sonoro e mesmo o táctil, que se inserem dentro de um contexto cultural, fazendo o apelo à memória individual. Deste modo, cada indivíduo olha a paisagem à sua própria maneira, dependendo das suas vivências anteriores e dos seus interesses em particular<sup>5</sup>.

Saliente-se que o ADV é uma sociedade de montanha, pelo que guarda uma cultura muito própria e as suas encostas encerram o testemunho e o modo de viver de diversas gerações ligadas à produção do vinho, do azeite e outros produtos agrícolas.

Para se compreender a organização da sociedade, da economia e mesmo da cultura desta região, torna-se necessário aprofundar o papel que as Quintas sempre assumiram.

Estas constituíram-se como uma unidade de povoamento, de exploração agrícola, de poder sobre o território, sem deixar de assumir uma ação social. Elas, são, pois, um legado único de património material e imaterial<sup>6</sup>.

Nas Quintas existiam edifícios destinados a artes que entraram em desuso, designadamente cavaliças, pocilgas, ou casas de trabalhadores que aí habitavam. Vem caindo no esquecimento o saber fazer, associado a trabalhos específicos, como tanoeiros e pedreiros. Outras estruturas sofreram grandes alterações, como os fornos de telha e os lagares de pedra, atualmente abandonados<sup>7</sup>.

O trabalhador à jorna e assalariados viviam em casais, explorando pequenas vinhas dispersas. Organizados em pequenos povoados, salpicam a paisagem com pequenas estruturas arquitetónicas, acedendo-se por carreiros murados, possuem abrigos, e pequenos armazéns onde fabricavam vinho ou azeite. Estas estruturas, constituem um património vernacular<sup>8</sup> inigualável<sup>9</sup>.

Existe já o programa das Aldeias Vinhateiras (Barcos, Favaio, Provesende, Salzedas, Ucanha e Trevões) que muito embora estejam longe de atingir todos os seus objetivos, já reconstruíram grande

<sup>4</sup> AGUIAR, 2002.

<sup>5</sup> SOARES *et al.*, 2013.

<sup>6</sup> PEREIRA, 2014.

<sup>7</sup> FAUVRELLE, 2014.

<sup>8</sup> Património Vernacular é aquele que expressa a cultura de uma comunidade e o seu domínio sobre o território, na forma como utiliza os meios ao seu dispor, construindo as suas casas, calcetando caminhos, criando o seu próprio meio. Esta tipologia de construções demonstra como o homem se adaptou ao local onde vive.

<sup>9</sup> PEREIRA, 2014.

parte das habitações. No entanto, muitas mais aldeias surgem na paisagem do Alto Douro Vinhateiro<sup>10</sup>. Perante esta realidade, os itinerários culturais podem ser um veículo de alavancagem turística, pela sua capacidade estruturadora dos destinos e, porque através destes, os turistas alcançam na sua visita uma área bem mais alargada da região.

Em estudo empírico realizado em duas das Aldeias Vinhateiras (Barcos e Favaios) contactou-se que a intervenção material ao nível de requalificação de espaços públicos e arranjo de fachadas de casas particulares foi bem-sucedida, enquanto no que se relaciona com a imaterial os programas de formação junto das populações não obtiveram o sucesso desejado.

### **Barcos**

Quem entra nesta aldeia encanta-se pelas suas ruas, estreitas e sinuosas, com casas montadas num puzzle onde impera o granito numa harmoniosa combinação com a alvenaria bem alva. Inserida no concelho de Tabuaço, mantém ainda algumas heranças medievais. O povoado circunda a Igreja Matriz datada do século XII.

Embora apresente alguns solares, são as casas de arquitetura vernacular que mais se impõem aos olhos do visitante. Com uma população ávida em contar as suas vivências, torna-se o espaço idílico para o turismo rural. Além de alojamento e restauração, terão de ser criadas atividades ligadas à vida da aldeia, em que o turista possa participar e aprender algo diferenciador. É necessário oferecer experiências criativas e apelativas dirigidas a vários segmentos de mercado turístico, tendo sempre na base os recursos endógenos do local.

Pela sua posição geográfica a aldeia é propícia à criação de trilhos pedestres, através dos socacos do Douro, proporcionando o contacto com a natureza e em simultâneo magníficas paisagens.

Tradições a vivenciar:

- O Carnaval é vivido intensamente permitindo imagens turísticas únicas.
- Na Semana Santa ganha outra dimensão com a presença de figuras vivas na aldeia.
- Em outubro, festeja-se as vindimas.
- Utilização da antiga via-sacra entre Barcos e Santa Leocádia que termina junto à capela de Santa Bárbara, ideal para um trilho pedestre, deveria ser aproveitado como evento anual no último domingo de Maio, quando a população aí faz uma peregrinação.
- Esta aldeia, é ainda rica no artesanato em linho, lã e algodão. Seria importante criar em conjunto com as artesãs oficinas onde o turista participe nestas artes.

Perante uma oferta tão rica ao longo de todo o ano, Barcos perfila-se com grandes potencialidades, para o desenvolvimento do turismo rural, do turismo de natureza e do turismo cultural/criativo.

### **Favaios**

Situa-se no concelho de Alijó, conservando ainda o seu legado arquitetónico original. Quem entra na aldeia impressiona-se face ao património construído.

---

<sup>10</sup> BARROS, 2005.

Esta aldeia localiza-se na Serra do Vilarelho oferece belas paisagens sobre o Douro e seus vinhedos, através de trilhos pedestres, a cavalo ou de bicicleta.

Sendo o pão e o vinho muito tradicionais em Favaios, aqui se criou o *Museu do Pão e do Vinho* com a finalidade de preservar os artefactos e as tradições, perpetuando a memória coletiva deste povo.

De referir que a Enoteca de Favaios está instalada num armazém da Quinta da Avesada. Esta Enoteca propõe através de memórias fotográficas e representações etnográficas vivenciar as diferentes épocas da região do Douro. No final o visitante terá uma ideia de como se tratou a uva desde a cepa até se tornar vinho para degustar. De igual forma, quem por aqui passa, adquire a noção evolutiva das técnicas usadas ao longo dos séculos.

Favaios apesar das suas inúmeras potencialidades, debate-se com uma população envelhecida, com poucos postos de trabalho e com um elevado êxodo rural, o que não facilita o contacto espontâneo com o turista/visitante. A Junta de Freguesia reconhece que os investimentos feitos não trouxeram benefícios aos habitantes da aldeia. Torna-se necessário a intervenção de atores locais e de novos investimentos para criar alojamento local e restauração (Favaios é conhecida pela sua gastronomia).

Propostas de dinamização:

- Dinamizar os saberes tradicionais e as tradições populares adaptando-as ao segmento turístico, de uma forma atrativa e participativa a todos;
- Imprescindível a participação da população local de todas as faixas etárias;
- Colaboração dos Centros de Investigação na recuperação de saberes ancestrais;
- Dotar as populações com competências mínimas na área do turismo, particularmente as relacionadas com as artes artesanais.

## O Turismo na Ilha do Pico

A Ilha do Pico encontra-se dividida em 3 concelhos: Lages do Pico, S. Roque do Pico e Madalena. A zona considerada pela UNESCO como Paisagem Cultural ocupa 987 hectares, tendo como sítios emblemáticos o Lajido da Criação Velha e o Lajido de Santa Luzia<sup>11</sup>.

Do levantamento turístico efetuado, constatou-se que em comparação com o Alto Douro Vinhateiro, possui uma belíssima paisagem, um património vernacular de enorme valor, fauna e flora riquíssimas, pelo que o *Touring Cultural* e Paisagístico apresenta potencialidades. O único constrangimento aos fluxos turísticos são as acessibilidades à Ilha. Não existem voos diretos, sendo possível aceder por via marítima partindo do Faial ou de S. Jorge. Se o turista optar pelo Faial não deve esquecer a obra de Vitorino Nemésio *Mau tempo no Canal* que se refere a esta mesma travessia. A partir de S. Jorge, a uma distância de 15 km, o mar parece ser mais calmo.

Aqui se denota uma clara diferença em relação ao ADV que se encontra ligado a partir da cidade do Porto diariamente por cruzeiros, caminho-de-ferro, autocarros e uma rede viária de excelente qualidade.

<sup>11</sup> GOVERNO DOS AÇORES/UNESCO, 2014.

Malgrado as dificuldades, o turismo tem crescido, segundo os dados do Turismo dos Açores, na Ilha do Pico<sup>12</sup>.

Tal como no ADV, as características de plantio da vinha são únicas e um itinerário bem explicativo para o turista impõe-se. A forma como o homem criou a sua relação com este território e o transformou com os seus braços encontra-se ainda hoje patente na freguesia do Lajido da Criação Velha.

Com efeito, as vinhas da Ilha do Pico oferecem uma paisagem/património, pois, tal como no ADV, conciliam aspetos culturais e naturais. Pode-se, pois, afirmar que esta paisagem é fruto do enlace da natureza, onde é possível vivenciar a biodiversidade com a cultura, marcas do homem na arquitetura e na forma de plantio da vinha (curral, canada, jirão). Estas paisagens de elevado valor científico e histórico são também culturais<sup>13</sup>.

O vinho do Pico, no século XVIII, alcançou grande fama pela sua qualidade. A sua exportação era feita pelo Faial, dado a ilha não possuir um grande porto. O vinho era então carregado em pequenos botes que ancoravam nos portinhos. As barricas acediam aos barcos, através dos «rola-pipas», ainda hoje visíveis. Das adegas até aos rola-pipas estas eram carregadas em carros de bois que deixaram as suas marcas no terreno basáltico: as «rilheiras». Todo este saber, pode constituir um itinerário cultural em contacto com a natureza.

Ainda nesta freguesia não se pode deixar de apreciar as adegas, os alambiques e os solares, bem como as habitações de pedra negra.

Outra das artes do homem consiste em obter água doce; construíram-se habilmente os «poços de maré», perfurações na vertical até atingir água potável<sup>14</sup>.

No Lajido de Santa Luzia, no Centro Interpretativo da Paisagem Cultural da Vinha do Pico pode fazer-se provas de vinho e obter informações sobre a cultura da vinha.

Esta freguesia, pela sua paisagem única, merece também um itinerário turístico cultural e de natureza aos «lajidos», campos de lava que se apresentam talhados por sulcos, fruto do trabalho secular dos homens. No relevo crescem várias espécies de flora endógena. Pode-se ainda vivenciar a visita a um alambique em funcionamento que fabrica aguardente de vinho e figo<sup>15</sup>.

Por último, é de referir que o Lajido de Santa Luzia mantém ainda as casas de pedra negra. Como todos os itinerários exigem uma pausa, recomenda-se ao turista a gastronomia local fazendo uma breve paragem para prova de vinho Verdelho com queijo do Pico, uma experiência de património imaterial.

Segundo Garcia, o facto da zona considerada pela UNESCO como Paisagem Cultural, se limitar a 987 hectares, fica a dever-se ao facto da forte emigração que a ilha sofreu. Muitas habitações abandonadas, transformadas em casas de veraneio, não respeitaram a tipicidade do sítio. De igual forma os métodos e tradições de trabalhar a vinha se foram perdendo de geração em geração, pelo que as duas freguesias referidas são as de maior autenticidade, no momento atual.

<sup>12</sup> AÇORES, 2016.

<sup>13</sup> SOARES *et al.*, 2013.

<sup>14</sup> GARCIA, 2013.

<sup>15</sup> GARCIA, 2013.

## CONCLUSÃO

Constatou-se que as duas zonas vinhateiras portuguesas Património da Humanidade, possuem grandes potencialidades para um turismo autêntico, criativo e que vá ao encontro da satisfação das necessidades dos turistas atuais.

Quer o ADV, quer a Ilha do Pico, possuem em comum paisagem magníficas que são merecedoras de percursos culturais bem estruturados.

Facilmente se encontram diferenças. Desde logo nas acessibilidades, onde o ADV tem franca vantagem pela sua intrínseca ligação à cidade do Porto. Já o Pico depende de ligações aéreas a partir de outras ilhas, ou por barco.

A ilha do Pico, sendo uma zona muito mais reduzida, consegue manter o seu património bem conservado e a taxa de turismo tem aumentado anualmente. No ADV, a faixa turística que vem crescendo desde 2015 refere-se aos produtos já consolidados, nos produtos complementares que poderiam trazer maior riqueza às populações locais o crescimento é praticamente nulo. Assim o turismo deverá assentar em programas que conjuguem o património, a natureza, os itinerários, eventos culturais e as vivências locais, em harmonia com as populações e saberes ancestrais.

O turismo, não depende apenas de excelentes hotéis ou meios de transporte. O importante é acrescentar ao local a vivência da sua especificidade com uma inteligência criativa, projetando as formas de vida tradicionais de forma a que o turista as guarde na memória e transmita a sua experiência.

## BIBLIOGRAFIA

- AÇORES, G. R. (2016) — *Plano Estratégico de Marketing do Turismo dos Açores*. Horta: Açores Horizonte, 2015-2020.
- AGUIAR, Fernando Bianchi de (2002) — *O Alto Douro Vinhateiro, uma paisagem cultural, evolutiva e viva*. «Douro: Estudos e Documentos», vol. 7, nº13. [S.l.]: Instituto do Vinho do Porto – Universidade do Porto – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, p.143-152.
- ALÇADA, Margarida; LISITZIN, Katri e; MANZ, Kerstin (2013) — *Turismo e Património Mundial: seleção de abordagens e experiências de gestão em sítios do Património Mundial de origem e influência Portuguesa*. Lisboa: Turismo de Portugal – UNESCO World Heritage Centre.
- ALMEIDA, Fernanda (2010) — *Intervenções nas áreas de Mancha Património Mundial (Alto Douro Vinhateiro) e/ou REN*. «Boletim Informativo da Associação para o Desenvolvimento da Viticultura Duriense», nº 14-10. Peso da Régua: [s.n.].
- BARROS, Márcia Santos (2005) — *Provesende: Identidade de uma aldeia vinhateira*. «Douro: Estudos e Documentos», vol. 10, nº19. [S.l.]: Instituto do Vinho do Porto – Universidade do Porto – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, p. 87-107.
- CCDRN (2004) — *PDTV – Plano de Desenvolvimento Turístico do Vale do Douro*. Porto: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte – Direção Regional de Economia do Norte – Agência Portuguesa para o Investimento.
- CHOAY, Françoise — *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70.

- DIAS, Francisco (2009) — *O espaço no imaginário turístico* cit in *O Futuro do Turismo: Território, Património, Planeamento*. Porto: Estratégias Criativas, p. 17-31.
- FAUVRELLE, Natália (2014) — *As quintas vinhateiras na construção do património paisagístico do Douro*. In *Atas das 2as Conferências do Museu de Lamego/CITCEM*. Lamego: Museu de Lamego – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, p. 35-52.
- FERREIRA, Luís; AGUIAR, Lídia e; PINTO, Jorge Ricardo (2012) — *Turismo Cultural, Itinerários Turísticos e Impactos nos Destinos*. «Cultur», ano 6, nº 2. São Paulo: Universidade Estadual de Santa Cruz, p. 109-126.
- FIGUEIRA, Luís Mota (2013) — *Manual para a elaboração de roteiros de turismo cultural*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.
- GARCIA, Susana Catarina S. (2013) — *Os Alambiques da Ilha do Pico, Açores: Sistemas Técnicos, Património e Museologia*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. Dissertação de mestrado.
- GOVERNO DOS AÇORES/UNESCO (2014) — *Paisagem da cultura da vinha da Ilha do Pico*. [S.l.]: Governo dos Açores – UNESCO – Paisagem da Cultura da Vinha do Pico.
- MADUREIRA, Lúvia (2005) — *Continuidade e Mudança na Paisagem do Alto Douro Vinhateiro : percepção, atitudes e preferências de visitantes e turistas*. «Douro: Estudos e Documentos», vol. 10, nº19. [S.l.]: Instituto do Vinho do Porto – Universidade do Porto – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, p. 43-54.
- MONTEIRO, Vítor Jorge B. (2014) — *Proposta Metodológica para a Monitorização da Paisagem Cultural, Evolutiva e Viva do Alto Douro Vinhateiro*. Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado.
- PAULINO, Ricardo Filipe (2011) — *A linha do Tua: história, construção e levantamentos*. Guimarães: Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.
- PEREIRA, Gaspar Martins (2014) — *Quintas do Douro: História, Património e Desenvolvimento*. In *Atas das 2as Conferências do Museu de Lamego/CITCEM*. Lamego: Museu de Lamego – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, p. 9-17.
- SOARES, Laura; PACHECO, Elsa; LUCAS, João (2013) — «Geo» diversidade, cultura e património: uma leitura integrada da paisagem. «Revista CEM: Cultura, Espaço & Memória», nº 4. Porto: CITCEM (Faculdade de Letras da Universidade do Porto )/Edições Afrontamento, p. 157-175.
- VELOSO, Nuno Filipe S. (2013) — *Arquitetura do Vinho: a adega e a paisagem vitivinícola do Alto Douro Vinhateiro*. Guimarães: Escola de Arquitetura da Universidade do Minho. Dissertação de mestrado.